



## Apresentação

O número 10, volume 1 da Revista Interdisciplinar de Literatura e Ecocrítica - RILE reúne sete trabalhos que foram apresentados no V Congresso Interdisciplinar de Literatura e Ecocrítica, realizado em 2021 pela Associação de Literatura e Ecocrítica - ASLE/BRASIL. São trabalhos voltados para a preservação do meio-ambiente, consideração ética para com os animais não humanos e respeito para com todas as formas de vida. A RILE, dessa forma, mostra estudos sobre a relação do ser humano com os ecossistemas e os animais na Literatura e na nossa cultura. Trata-se de estudos que consideramos prementes, tendo em vista que foi justamente a nossa relação desrespeitosa com os animais e ecossistemas que nos trouxe a pandemia da covid-19.

Greg Garrard, autor de *Ecocrítica*, afirma, muito certamente: “Os ecocríticos podem não estar habilitados a contribuir para debates sobre problemas de ecologia, porém, mesmo assim, devem transgredir os limites disciplinares e desenvolver, tanto quanto possível, sua própria ‘capacitação ecológica’” (2006, p. 16). De fato, em tempos de pandemias, o que se espera é o estudo interdisciplinar das causas que nos levaram ao mais grave problema de saúde de nossa geração e que, só no Brasil, resultou, até agora, em 680 mil mortes. Estudar a relação ser humano/animais/ecossistemas na Literatura tem como objetivo desenvolver essa “capacitação ecológica” de que fala Garrard.

A contribuição da RILE para a construção de uma consciência ecológica está nos sete artigos ora publicados.

No artigo *Reflexões sobre a institucionalização de políticas ambientais na Guiné-Bissau a partir da década de 1990*, Aldine V. Bathillon e Carla C. e Silva analisam, a partir de uma pesquisa bibliográfica e documental, com coleta de dados em artigos, documentos institucionais e decretos de lei de criação de áreas protegidas, o processo de institucionalização das políticas ambientais em Guiné-Bissau, na década de 1990, após a sua democratização. A metodologia adotada nesse artigo dá um bom suporte para reflexões; entre as quais as autoras destacam a relevância da gestão racional e participativa dos recursos naturais adotada em Guiné-Bissau, através da criação de áreas protegidas para a conservação

dos ecossistemas, e de mecanismos para estimular o uso racional dos recursos naturais, visando o desenvolvimento econômico e sustentável.

No artigo *A natureza na contística clariciana: uma perspectiva ecocrítica*, Antônia J. Sales e Odile Cisneros discutem com clareza e através de uma interpretação ilustrada com trechos dos contos analisados, como a natureza é representada na obra *Todos os Contos* (2016) de Clarice Lispector, a partir de duas categorias de análise: a animalização do homem e a contemplação da natureza. Ao final são destacadas duas questões na obra analisada: que através de seus personagens existe uma relação da autora para com os animais e a natureza, e, também, que na obra existe a necessidade de pontuar a animalidade dos humanos.

Maria do Carmo C. Mendes, em seu artigo *“Foram os animais que começaram a fazer-me humana”: a ética animal em Mia Couto*, identifica no *corpus* analisado, quais sejam, *A varanda do Frangipani* (1996), *E se Obama fosse africano* (2008), *A confissão de Lea* (2012) e *Raiz de orvalho e outros poemas* (2014), as simbologias mais relevantes do animal não humano; demonstra que a estratégia antropomórfica utilizada de modo recorrente pelo escritor procura dotar os animais não humanos de valores dos quais o ser humano se mostra carente; explicita as potencialidades ecocríticas da obra analisada; e mostra que a ética animal põe em evidência o compromisso do escritor com o seu continente e com as relações deste com o resto do mundo. Entre outras questões abordadas no artigo, é observado que os seres humanos e vegetais estão associados à questão da identidade através das metáforas apresentadas na obra que simbolizam comportamentos humanos, e que, portanto, na obra de Mia Couto a busca identitária é muito importante.

No artigo *De animais e de homens: uma leitura do conto “O leproso”, de Miguel Torga*, Naira A. Nascimento demonstra como a segmentação entre animais humanos e não humanos obedece a uma lógica interna que também torna os humanos como outros, fora do pacto civilizacional, a depender de seu estatuto, em particular o econômico, como se vem demonstrando no âmbito da biopolítica e da necropolítica. Naira conclui sua análise do conto afirmando que a categoria de “monstro” atende aos interesses da estigmatização de humanos na aproximação que ela tece com o animalesco.

No artigo *De réptil para réptil*, Priscila Prado e Márcio M. Cantarin fazem uma análise do livro *The lost words*, de Robert Macfarlane, obra que através de poemas ilustrados por Jackie Morris, resgata palavras que estão caindo em desuso por falta de exposição das novas gerações ao meio ambiente natural. Em suas análises da obra, os autores fornecem subsídios para diversas reflexões ao proporem uma transcrição da obra analisada, através de

uma tradução que seja significativa para o leitor brasileiro, isto é, que seja adaptada e transposta ao ambiente e cultura brasileiros, visando promover estratégias de comunicação, educação e conservação da fauna e flora nacionais.

Rosária Cristina C. Ribeiro, em seu artigo “*Les Papillons*” de Gérard de Nerval: um olhar sobre as borboletas no romantismo francês, analisa como a natureza e os ciclos naturais surgem enquanto temática que unifica a obra *Les Papillons*. A partir de um sentimento de empatia na relação humano e não-humano, Rosária Ribeiro analisa o poema tomando como base as discussões propostas em *Philosophie de l'insect*, de Jean-Marc Domingos (2018) e *Literatura e animalidade*, de Maria Esther Maciel (2016).

No artigo *Ensino de literatura e meio ambiente: o literário e a formação do sujeito ecológico*, Tâmara Kelly Filgueira e Juarez Nogueira Lins, a partir da análise de obras de poetas e prosadores contemporâneos brasileiros que abordam a temática ambiental, discutem, dando um importante enfoque interdisciplinar, a importância do texto literário para a formação de sujeitos leitores preocupados com o meio ambiente, ecologicamente orientados; e argumentam que, a partir do literário é possível discutir o ambiental na escola, visando a conscientização e mobilização para buscar novos e criativos caminhos que minimizem a crise ambiental.

Com a certeza de que os artigos colaboram, cada um a seu modo, e tendo em comum algo que desde há muito nos define: a relação entre o humano e o não humano, convidamos os leitores ao proveito crítico deste número da Revista RILE. A incursão pelo movimento que propugna a tomada de consciência e de posição frente à crise deflagrada pelo antropoceno requer a união de disciplinas e campos do saber diversificados, o que os leitores, por certo, encontrarão nos textos a seguir.

Heloísa Helena Siqueira e Márcio Matiassi Cantarin

Editores Convidados da RILE-JILE